

A CASTRAÇÃO MATERNA E AS POSSIBILIDADES DE SUBJETIVAÇÃO FEMININA: O MITO DE DEMÉTER

Luciana Maccari Lara¹

RESUMO

O trabalho tem como objetivo contribuir para o pensar psicanalítico sobre as possibilidades femininas de subjetivação e sobre o lugar do narcisismo materno na constituição do ego e na construção do sujeito psíquico. Para tanto, serão discutidas as elaborações freudianas sobre o tema, além das ideias da psicanalista argentina Ana Sigal, e o grego mito de Deméter, a deusa-terra, e sua filha, Perséfone.

Palavras-Chave: Narcisismo Materno. Constituição do Ego. Castração.

ABSTRACT

The work intends to be a contribution for the psycho-analytical thinking towards the feminin possibilities of subjetivation, and towards the place of the motherly narcissism in the ego constitution and in the subject construction. With this aim, will be discussed Freudian elaborations about de subject, as well as the ideas of Ana Sigal and the Greek mith of Demeter, the Earth goodness, and her daughter Persephone.

Keywords: Motherly Narcissism. Ego Constitution. Castration.

INTRODUÇÃO

Karen Armstrong, ex-religiosa inglesa, estudiosa e escritora de diversos livros sobre mitologia e religião, defende a ideia de que a função da mitologia é a criação de sentido e de novas possibilidades de entendimento da vida humana e seus limites.

Os seres humanos são os únicos capazes de reter sua capacidade de brincar. A não ser que vivam em condições artificiais de cativeiro, outros animais perdem a capacidade inicial de se divertir quando deparam com a dura realidade da vida na selva. Os adultos humanos, porém, continuam a apreciar a exploração de possibilidades diferentes e, como crianças, seguimos criando mundos imaginários. Nas artes, livres dos constrangimentos da razão e da lógica, concebemos e combinamos novas formas que enriquecem nossa vida, e que nos mostram algo muito importante e profundamente verdadeiro, no qual acreditamos. Na mitologia também elaboramos uma hipótese, damos vida a ela por meio de um ritual, agimos a partir disso, contemplamos seu efeito em nossa vida e descobrimos que atingimos uma nova compreensão no labirinto perturbador do mundo em que vivemos (ARMSTRONG, 2005, p.14).

Ilustrado pelo mito de Deméter, a deusa-terra que, ao perder a filha, Perséfone, ganha a possibilidade de ensinar aos homens a agricultura, o trabalho que segue pretende contribuir na criação de novas aberturas

¹ Mestre em Filosofia – PPG em Filosofia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. E-mail: lucianamlara@gmail.com.

e sentidos para o pensar psicanalítico sobre a subjetividade feminina. O artigo traz considerações freudianas, bem como de uma psicanalista contemporânea, sobre o lugar do narcisismo materno na constituição do ego e na construção do sujeito psíquico, assim como as possibilidades femininas de subjetivação.

O MITO DE DEMÉTER

Segundo o relato de Junito Brandão (2001), Perséfone, filha de Deméter, deusa da terra, e de Zeus, crescia tranquila e feliz. Um dia, seu tio Hades, que a desejava, raptou-a com o auxílio de Zeus. Enquanto Perséfone colhia flores, Zeus, para atraí-la, colocou um narciso às bordas de um abismo. Quando ela se aproximou da flor, a terra se abriu: Hades apareceu e a conduziu para o seu reino subterrâneo, o Inferno. No momento em que estava sendo arrastada para o abismo, Perséfone gritou e Deméter acorreu, mas não conseguiu vê-la e nem perceber o que havia acontecido.

Começou, então, para Deméter, a dolorosa tarefa de procurar a filha, percorrendo o mundo inteiro, com um archote aceso em cada uma das mãos. Durante nove dias e nove noites, a deusa errou pelo mundo, sem parar para comer ou beber. Somente Hélios – o deus-sol -, que tudo vê, contou-lhe a verdade. Furiosa, Deméter decidiu abdicar de sua posição de deusa e não voltar ao Olimpo, até que Zeus e Hades lhe devolvessem Perséfone. Tomou o aspecto de uma velha e foi para Elêusis. Lá, convidada a cuidar de Demofonte, filho recém-nascido da rainha Metanira, aceitou a incumbência.

Decidida a fazer do bebê um imortal, Deméter não lhe dava leite: após esfregá-lo com ambrosia, escondia-o, durante a noite, no fogo, como se fosse um tição. A cada dia, o menino se tornava mais belo e parecido com um deus. Uma noite, porém, Metanira descobriu o filho entre as chamas e começou a gritar desesperada. A deusa interrompeu o rito e apareceu em sua verdadeira face de deusa, declarando que, por causa da interrupção do ritual, a criança nunca passaria de um mortal comum.

Antes de deixar o palácio, Deméter pediu que lhe fosse erguido um grande templo, onde ela um dia ensinaria seus ritos aos seres humanos. Construído o santuário, Deméter recolheu-se ao seu interior, consumida pela saudade de Perséfone. Uma seca terrível se abateu sobre a Terra. Zeus em

vão lhe mandou mensageiros, pedindo que voltasse ao Olimpo, recebendo a resposta de que ela não voltaria ao convívio dos Imortais e não permitiria que a vegetação crescesse enquanto não lhe entregassem a filha.

Com a ordem do mundo em perigo, Zeus pediu a Hades que devolvesse Perséfone. O rei dos infernos obedeceu, mas, antes, fez com que a esposa comesse uma semente de romã, pois isso a impediria de deixar a “outra vida”. Finalmente, chegou-se a um consenso: Perséfone passaria quatro meses por ano com Hades e oito com a mãe. Deméter voltou ao Olimpo e a Terra ficou novamente verde. Antes de voltar ao Olimpo, Deméter ensinou todos os mistérios do plantio e da colheita ao rei de Elêusis e a seus filhos.

A ONIPOTÊNCIA MATERNA NA CONSTITUIÇÃO DO EGO DA CRIANÇA E NA RECONSTITUIÇÃO DO NARCISISMO PARENTAL E FEMININO

É inicialmente na relação narcísica entre mãe e bebê que se inaugura a possibilidade de constituição do ego como objeto de investimento da libido. Freud, em “O Narcisismo: Uma Introdução”, sublinha que o ego não existe desde sempre:

[...] estamos destinados a supor que uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem de ser desenvolvido. Os instintos auto-eróticos, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo — uma nova ação psíquica — a fim de provocar o narcisismo” (1914, p.101).

Isso significa que o pequeno ser humano inicia como um “amontoado” de sensações e percepções desconexas, que ele nem mesmo consegue identificar como provenientes de uma mesma fonte – seu próprio corpo. Não existe, nesse momento, uma representação de algo como um corpo próprio – nem sequer um “próprio” - que reúna e identifique essas sensações como provenientes de um si mesmo. A “nova ação psíquica” à qual Freud se refere é exatamente a ação do outro, alguém “de fora”, que dá àquele pequeno corpo, até então autopercebido como um feixe de sensações desconexas, o sentido de um sujeito único e unificado. Para simplificar: é

ao ver a criança como “alguém”, ao chamá-la assim, que ela se torna, de fato, um “alguém”.

Consideremos, por outro lado, o significado da maternidade para a reconstituição do narcisismo parental. Diz a psicanalista Ana Sigal:

O nascimento de uma criança estimula a onipotência, permitindo aos pais exercer um poder que cria a ilusão de estar longe da angústia de desamparo, com a qual se chega ao mundo. [...] Deposita-se na criança a fragilidade e, nessa medida, a angústia do desamparo desloca-se dos pais para os filhos (2009, p. 63-64).

O filho constitui, assim, uma importante via de reconstituição do narcisismo parental e de mitigação do desamparo: alienando na criança o próprio desamparo, os pais podem ter de volta a onipotência uma vez perdida. Ocupar tal lugar é, de início, fundamental para que o sujeito psíquico se desenvolva, na medida em que é pela possibilidade de entregar-se ao outro, sentir-se totalmente amparado e amado sem reservas que se constitui o narcisismo primário, fundamental para a construção da autoestima e do autocuidado.

O filho ocupa um lugar particularmente importante no narcisismo feminino, que a ideia freudiana dos três destinos possíveis para o complexo de castração na mulher - embora questionável e, de fato, muito questionada - nos auxilia a dimensionar. Freud (1933) aponta que a castração e a sexualidade feminina contam com três possibilidades de desenvolvimento: a virilização, com a escolha do objeto homossexual, pela negação da castração, a frigidez histérica, resultado de uma “desistência” da sexualidade, pela impossibilidade de lidar com a castração, ou a maternidade. É nessa última que a mulher finalmente reconstituiria o próprio narcisismo, quebrado pela castração.

O LUGAR DA CASTRAÇÃO MATERNA NA CONSTRUÇÃO DO SUJEITO

Objeto de muitas produções acerca da feminilidade, das relações mãe-filha e suas vicissitudes, o mito de Deméter contém uma faceta importante e ainda um tanto inexplorada: o papel da renúncia - ou da castração - materna no surgimento do sentido de alteridade, que é condição de possibilidade de inserção do sujeito humano no

registro da cultura e da lei.

O termo “complexo de castração” surge na obra de Freud pela primeira vez no artigo “Sobre as Teorias Sexuais das Crianças” (1908), em que a formação do complexo nuclear das neuroses é atribuída ao conflito entre as explicações dos adultos sobre a sexualidade e as teorias sexuais infantis, construídas a partir de investigações cujo principal motor é o temor de perder o lugar junto aos pais com a chegada de um novo bebê - ou seja, o temor de perder o lugar no narcisismo dos pais. Como resultado do conflito, as teorias infantis passam ao inconsciente e continuam a agir desde lá: uma das teorias infantis recalcadas é a de que todos os seres vivos possuem um pênis.

Em “A Organização Genital Infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade” (1923), Freud retoma essa ideia, acrescentando que a principal característica da organização genital da criança é a teoria de que para os dois sexos existe apenas um órgão genital. Ela crê que todos os adultos possuem um pênis ou, pelo menos, aqueles que não foram castigados com a castração. O menino, inicialmente, rejeita a percepção da ausência do pênis na mulher, e a contradição entre o que ele vê e aquilo em que deseja acreditar é encoberta pela ideia de que “ainda vai crescer”. Conclui, em seguida, que o pênis estava lá e foi retirado, o que o leva ao receio de perder também o seu e a pensar sobre o que seria necessário fazer, ou a que renunciar, para preservá-lo.

Em “A Dissolução do Complexo de Édipo” (1924), Freud vincula o complexo de castração complexo de Édipo, afirmando que a masturbação da criança, motivo da ameaça de castração, é via de descarga da excitação sexual relativa ao complexo de Édipo. A satisfação do amor edípico, na fantasia infantil, tem como consequência inexorável a concretização da ameaça de castração. Entre o amor edípico e o investimento narcísico no pênis, em geral, triunfa o segundo, e “o ego da criança volta as costas ao complexo de Édipo” (1924, p. 221). No mesmo artigo, Freud afirma que, no início, a menina consola-se pensando que seu pênis crescerá: ela, como o menino, não generaliza a percepção da ausência de pênis nas mulheres, acreditando que a castração ocorre apenas com aquelas que fizeram por merecer tal castigo. Imagina que possuiu o pênis, em alguma época, e o perdeu por castração. A diferença entre meninos e meninas é de que “a

menina aceita a castração como fato consumado, enquanto que o menino teme sua ocorrência” (1924, p.223).

“Algumas Conseqüências Psíquicas da Diferença Anatômica entre os Sexos” (1925) vincula a percepção da castração pela menina ao abandono da mãe como objeto de amor e sua substituição pelo pai. A menina ingressa na fase fálica através da descoberta de que os meninos possuem um órgão que ela identifica com o seu clitóris, porém grande e visível (“inveja do pênis”). A mãe é responsabilizada por sua “incompletude”, e o laço que as ligava enfraquece. A menina volta-se, então, para o pai, buscando obter dele o pênis desejado e, depois, um bebê. A diferença entre a vinculação complexo de Édipo-complexo de castração, nos dois sexos, fica estabelecida: na menina, o complexo de Édipo é introduzido pelo complexo de castração, enquanto no menino é destruído pelo complexo de castração.

A discussão prossegue na Conferência XXXIII das “Novas Conferências Introdutórias” (1933): aqui, Freud afirma que a substituição da mãe pelo pai como objeto de amor já é devida a um certo reconhecimento da castração, mas também ao que ele chama “rebeldia” contra esse estado de coisas, que levaria a três possíveis linhas de desenvolvimento. Na primeira, a menina “sucumbe” à inveja do pênis e perde o prazer com sua sexualidade fálica – com a masturbação do clitóris – recalçando grande parte de sua sexualidade. Na segunda, apega-se à masculinidade ameaçada e à fantasia de vir a ter um pênis, o que pode ser a origem de uma escolha de objeto manifestamente homossexual. Numa terceira hipótese, a menina toma o pai como objeto de amor e substitui o desejo de ter um pênis pelo desejo de um bebê, encontrando o caminho da feminilidade.

Se a mãe, tal qual uma menina fálica, segue tendo na relação dual com a criança a única via de reconstituição de seu narcisismo – pois, nesse caso, a criança fica no lugar do “pedaço” perdido com a castração -, será grande a dificuldade de abrir mão dela. Conforme Sigal: “Ser tudo para o outro se transforma numa tentação de manter este poder como um abuso constante” (SIGAL, 2009, p.64).

A criança ficará, assim, presa a uma dupla condição de desamparo e onipotência: desamparo, porque seu crescimento significa a derrocada narcísica da mãe, e onipotência porque seguirá ocupando o trono de “sua Majestade, o bebê”, ignorando os próprios limites e, assim, com

dificuldades para reconhecer a si mesma e ao outro.

Nessa perspectiva, não há saída para Perséfone, que continuará presa à mãe, sem poder crescer nem amar, tampouco para Deméter, cuja condição de deusa seguirá condicionada à da maternidade. Após uma tentativa desesperada e fracassada de recuperar o falo perdido, tornando Demofonte imortal como ela própria, Deméter mergulha numa profunda melancolia: castrada, sem a filha, ela já não sabe quem é. Sem a filha, ela não pode ocupar seu lugar no Olimpo.

A RECONSTITUIÇÃO DO NARCISISMO FEMININO NUM PROJETO DA CULTURA

É o próprio Freud que aponta o caminho de saída para o narcisismo feminino, ao discorrer sobre as brincadeiras de bonecas das meninas:

“Todavia, este brinquedo não era, de fato, a expressão de sua feminilidade. Serviu como identificação com sua mãe, com a intenção de substituir a passividade pela atividade. Não é senão com o surgimento do desejo de ter um pênis² que a boneca-bebê se torna um bebê obtido do pai e, de acordo com isso, objeto do mais intenso desejo feminino (1933, p.128).

Sem perder de vista a necessidade de contextualização histórica - pois as pacientes de Freud, como todas as mulheres do final do século XIX e início do século XX, não tinham, de fato, muitas possibilidades de reconstituição do próprio narcisismo por alguma produção que não fosse um filho -, a observação do pai da Psicanálise nos faz refletir sobre o que significa se desprender de um filho. Muito trabalho psíquico é exigido do psiquismo feminino na tarefa de abrir mão do “pedacinho” que falta para reconstruir o narcisismo e, assim, proporcionar-lhe a possibilidade de constituir-se como um outro, uma identidade singular, à qual a mãe não mais terá acesso total. Isso ocorre, por exemplo, quando a mãe pode duvidar das próprias ideias a respeito do que a criança pede ou precisa: ela chora de fome, ou porque está molhada, ou porque tem cólica? Ao entrar em dúvida, assume justamente a condição de alteridade da criança. E,

²Ou seja, com a percepção da própria castração.

ao assumir-se como “outro” em relação à criança, constrói a possibilidade de que esta venha a se constituir como uma “identidade”, um si-mesmo, do qual nem tudo – e, na verdade, bem pouco - lhe será acessível e conhecido.

Podemos, a partir disso, pensar também que Freud não considerava que o desenrolar da feminilidade fosse o apossamento fálico do filho pela mulher, mas, sim, o engendramento de um “bebê obtido do pai”, um projeto gerado a partir da herança paterna. Bela metáfora para um projeto de vida inserido na cultura. Ana Sigal sublinha, a respeito da mãe que assume o seu lugar e o seu projeto:

“É a possibilidade de ver no filho algo mais que um falo, e reconectar-se com outras fontes de prazer narcísico, o que permitirá a essa mãe deixar que esse filho construa sua própria subjetividade” (2009, p. 63-64).

Ao ocupar seu lugar de deusa-terra e assumir o projeto de disseminar a agricultura entre os homens, Deméter renuncia ao poder que a filha-boneca-falo lhe confere. Encontrando um lugar no mundo e na cultura através de um projeto que lhe é próprio, ela pode abrir mão da intenção de produzir um imortal à sua imagem e deixar a filha seguir seu caminho rumo ao próprio desejo, no reino subterrâneo de Hades.

CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

O mito de Deméter permite que olhemos para o outro lado do que chamamos “a entrada do terceiro”: permite considerar que o terceiro rompe a relação dual não apenas por sua própria força, mas na medida em a mãe permite que ela seja rompida. Mais precisamente, na medida em que o psiquismo materno esteja apto para permitir o rompimento e buscar a reconstituição narcísica em outros projetos que não o filho. Deméter revela todo o trabalho psíquico de reconhecer a filha como “outro” e o luto que tal trabalho exige: enlutada pelo sumiço da filha, entrega-se primeiro à criação de um novo deus - um filho-falo substituto para a filha-deusa-boneca perdida – e, depois, ao projeto de ensinar aos homens a agricultura. Ela acaba por acatar a lei que diz que, se Perséfone já se alimentou no mundo subterrâneo, não poderá voltar completamente. Aceita também o acordo, e essa aceitação organiza o ano em estações e o mundo dos homens em tempo de plantio, de colheita e de recolhimento.

Deméter e Perséfone, para além das relações mãe e filha e da constituição da feminilidade, ampliam e recolocam nosso entendimento sobre a entrada do sujeito humano no mundo da lei: para que haja reconhecimento da lei e sujeição a ela, é preciso que aconteça, antes, o reconhecimento do outro, que é o próprio olhar que o constitui. E, para reconhecer que Perséfone é um outro, Deméter precisa se colocar não em qualquer lugar, nem em todo lugar, mas num lugar próprio. O projeto da mãe para si permite a ela abdicar do poder fálico que o filho lhe confere e libertá-lo para a possibilidade de um projeto novo.

REFERÊNCIAS

- ARMSTRONG, Karen. **Breve História do Mito**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- BRANDÃO, Junito S. **Mitologia Grega**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- FREUD, Sigmund. Sobre as Teorias Sexuais das Crianças. In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. IX, p. 213-232.
- FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. XIV, 1980, p. 89-122.
- FREUD, Sigmund. A Organização Genital Infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, p. 179-188.
- FREUD, Sigmund. A Dissolução do Complexo de Édipo. In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. XIX, 1980, p. 217-228.
- FREUD, Sigmund. Algumas Conseqüências Psíquicas da Diferença Anatômica entre os Sexos. In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. XIX, 1980, p. 284.
- FREUD, Sigmund. Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. XXII, 1980, p. 15-226.
- SIGAL, Ana Maria. **Estudos Metapsicológicos e Clínicos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009, p. 461.

